



A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO MARTÍRIO DE PERPÉTUA E FELICIDADE

Gender violence in martyrdom of Perpetua and Felicitas

Giseli Pereira Kuczanski¹

Resumo: Ao longo dos séculos houve um apagamento intencionado das narrativas femininas na história, com essa exclusão as mulheres perderam seu espaço e voz sendo esquecidas. Apesar do desaparecimento da memória das mulheres, elas resistiram. Exemplificando essa resistência retoma-se a narrativa das primeiras mártires do cristianismo, com um enfoque particular em Felicidade e Perpétua. O presente trabalho tem como objetivo descrever o martírio de Perpétua e Felicidade, tendo como foco a violência de gênero vivenciada por ambas; as principais violências relatadas são: o pai como demarcador da subalternidade da filha, o confinamento enquanto grávida e as dores de parto de uma mulher que não pode gritar, a nudez no pós-parto e o uso da vaca em alusão a maternidade. Essas violências perpassam os séculos e ainda estão presentes no século XXI.

Palavras-chave: Martírio. Felicidade e Perpétua. Violência de gênero. Mártir. Cristianismo primitivo.

Abstract: Over the centuries there has been an intentional erasure of women's narratives in history, and with this exclusion women have lost their space and voice and have been forgotten. Despite the disappearance of women's memory, they have resisted. An example of this resistance is the narrative of the first female martyrs of Christianity, with a particular focus on Felicitas and Perpetua. This paper aims to describe the martyrdom of Perpetua and Felicitas, focusing on the gender violence experienced by both women. The main violence reported is: the father demarcating his daughter's subalternity, confinement while pregnant and the labor pains of a woman who cannot scream, postpartum nudity and the use of the cow as an allusion to motherhood. These forms of violence span the centuries and are still present in the 21st century.

Keywords: Martyrdom. Felicitas and Perpetua. Gender violence. Martyr. Early Christianity.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Durante os séculos é possível perceber o quanto a história foi escrita pelo viés da unicidade, devido à falta de acesso de algumas populações a escrita, assim

¹ Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), bacharelada em Teologia pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF). E-mail: giselipereira2011@gmail.com



também na perspectiva de gênero, onde houve o apagamento das narrativas femininas, de modo insurgente as mulheres procuram reescrever a história em novo horizonte, tendo por base sua própria corporeidade.

Por vários séculos a escrita masculina se sobrepôs a feminina, onde o que é próprio do feminino é descrito através dos olhos dos homens. Reescrever e lembrar as memórias das mulheres é fundamental, fazendo suas narrativas ressurgirem, já que elas também são sujeitos históricos, cria-se um novo paradigma e perspectiva de gênero.

Nas primeiras comunidades cristãs as mulheres surgem fortemente como discípulas de Jesus. É evidente que mães, viúvas, mulheres solteiras, enfim as seguidoras estavam presentes desde a Galileia até Jerusalém, inclusive financiando o grupo de Jesus. Além de apóstolas, elas doaram suas vidas pelo seguimento, como mártires.

O presente trabalho pretende apresentar uma reflexão acerca do martírio de Perpétua e Felicidade sob a perspectiva da violência de gênero das mulheres martirizadas, a pesquisa está delineada em três capítulos os quais procuram elucidar de maneira breve a brutalidade da violência praticada contra as protagonistas durante o processo de martírio.

O primeiro capítulo propõe apresentar como as mulheres eram vistas nas primeiras comunidades cristãs e como elas ganharam um espaço próprio dentro do seguimento de Jesus.

No segundo capítulo busca-se esclarecer o martírio de Felicidade e Perpétua, construído através da narrativa do diário de Perpétua, evidenciando a coragem e a audácia das protagonistas, que doam sua vida pelo seguimento de Jesus.

O terceiro e último capítulo é projetado para considerar a violência baseada em gênero presente na paixão de Felicidade e Perpétua, buscando identificar as quatro principais: a subalternidade da filha perante o pai, o confinamento enquanto grávida e a aspereza com que são tratadas pelos algozes, a nudez como forma de vexame público e o uso da vaca em alusão a maternidade.



A PRESENÇA DA MULHER NAS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS

O episódio fundante do cristianismo, a ressurreição de Jesus, fez com que houvesse a expansão do pensamento cristão. Nas primeiras comunidades cristãs, a presença das mulheres é essencial: elas possuíam um papel ativo, apesar de sabermos apenas o que delas os homens disseram; através delas o cristianismo cresceu e se expandiu².

As mulheres sempre estiveram presentes na história, porém foram representadas através do viés masculino, assim por vezes foram apagadas e esquecidas propositalmente. Torna-se emergencial reescrever estas histórias, libertando suas memórias, fazendo ecoar suas vozes, cantos e lamentos, a fim de perceber que a mulher é sujeito histórico³. As mulheres estavam presentes desde o início do Cristianismo, inclusive também foram as primeiras martirizadas.

A raiz evangélica ensinava que o homem era igual a mulher, segundo Hamman “O cristianismo agiu mais do que ensinou. Deu à mulher sua carta de nobreza cristã e a dignidade de uma existência desprezada pelo paganismo, ensinou com insistência sua igualdade com o homem”⁴. Como salientado pelo autor, a mulher no cristianismo primitivo passa de um não lugar/não existência à igualdade, a ser contada.

Sauer⁵ destaca ainda que as mulheres tinham papel primordial de acolhida das lideranças cristãs em suas casas, permitindo o desenvolvimento dos trabalhos missionários.

Outro ponto importante destacado por HAMMAN⁶ é que as mulheres que viviam o celibato voluntário na perspectiva da fé cristã, afirmavam sua liberdade e autonomia feminina, em dissenso aos desejos da carne.

² HAMMAN, Adalbert-Gautier. **A vida cotidiana dos primeiros cristãos**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 53.

³ GEBARA, Ivone. **Teologia em ritmo de mulher**. São Paulo: Paulinas, 1994. p. 18.

⁴ HAMMAN, 1997, p. 55.

⁵ SAUER TEIXEIRA, José Luiz. A atuação das mulheres nas primeiras comunidades cristãs.

Revista Cultura teológica, v. 18, n. 72, p. 55-63, out./dez. 2010. p. 56. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15374/11482>. Acesso em: 16 maio 2023.

⁶ HAMMAN, 1997, p. 55.



As mulheres foram, por um lado instrumento para continuar o movimento iniciado por Jesus depois de sua execução e ressurreição, e, por outro lado, estiveram envolvidas na expansão deste movimento com os gentios das regiões adjacentes.⁷

Fiorenza destaca que as mulheres no cristianismo primitivo foram chave de difusão e multiplicação da Boa Nova de Cristo, inclusive em regiões dispersas do território bíblico.

Além do papel acolhedor, as mulheres exerciam a evangelização em suas próprias casas quando convertiam seus esposos e filhos, mostrando com o Evangelho, a verdadeira face do cristianismo⁸.

À medida que o cristianismo avança em outros territórios, mais pessoas se convertem ao seguimento de Jesus; com as novas conversões se levantavam suspeitas acerca do novo movimento crescente. Os primeiros cristãos eram acusados de vincularem-se a uma religião ilícita, com reuniões secretas, com suspeita de canibalismo, práticas incestuosas e desumanas. Os boatos se tornavam mais inflamados porque os cristãos não costumavam revelar as particularidades e os ritos de suas celebrações aos não iniciados⁹.

Com o crescimento exponencial dos novos cristãos, a propaganda cristã cada vez mais vai se fortalecendo. Em contraponto, o culto aos deuses romanos ia diminuindo. Os três primeiros séculos foram marcados pela perseguição e martírio dos cristãos, já que o cristianismo era considerado uma *religio illicita*¹⁰. Ser cristão era transgredir os editos imperiais, tornava o cristão infrator, um criminoso público.

Contudo, não houve melhor defesa do que a vida íntegra dos cristãos e dos milhares de mártires que não negaram a fé cristã, entre os quais estavam as mulheres: iguais aos olhos de Deus e com menos obstáculos à conversão. Nos primeiros séculos, elas foram mais numerosas do que os varões, pois

⁷ FIORENZA, Elisabeth. **As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica**. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 193.

⁸ HAMMAN, 1997, p. 55.

⁹ SALVIANO ALMEIDA, Rute. **Mártires cristãs: mulheres que deram a vida por amor a Jesus**. São Paulo: Godbooks, 2022. p. 27.

¹⁰ LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de Teologia**. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 1099-1102.



não era difícil conciliar sua condição social à sua fé e não se importavam de se abster dos cultos idolátricos e espetáculos indecentes.¹¹

Como apontado por Salviano, as mulheres mártires foram mais numerosas que os homens. Sua coragem e audácia ao seguimento de Jesus foram radicais até o fim com a entrega da própria vida.

“NÃO POSSO SER OUTRA COISA QUE O QUE SOU, ISTO É, CRISTÃ!”: O MARTÍRIO DE FELICIDADE E PERPÉTUA

O termo mártir segundo o Dicionário Patrístico e de antiguidades qualifica o adjetivo *Martys* que significa testemunha, aquele ou aquela que sofre e morre por sua fé, onde a própria pessoa através de seus sofrimentos e morte, manifesta seu amor e confiança na ressurreição de Cristo Jesus¹². O Dicionário Crítico de Teologia acrescenta ainda que a expressão “martírio” provém do grego *marturia* ou *marturion* como a pessoa que morre para dar testemunho de Cristo, “é sobretudo a testemunha da verdade do mundo vindouro”¹³.

As pessoas martirizadas atestavam a crença em Jesus de duas maneiras: “pela palavra e pelo sangue”¹⁴. O martírio nesta perspectiva se torna uma maneira visível de crença na pessoa de Jesus, não apenas aos cristãos, mas aos próprios cidadãos romanos que vislumbravam a decisão de morrer em nome de uma fé, sendo assim o movimento causado pelo martírio se tornava uma propaganda para o cristianismo.

¹¹ SALVIANO ALMEIDA, 2022, p. 33.

¹² SAXER, Vitor. Martírio. In: DI BERARDINO, Angelo. (org.). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 895-896. p. 895.

¹³ LACOSTE, 2004, p. 1099.

¹⁴ ROPS, Daniel. **A igreja dos apóstolos e dos mártires**. Trad. Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1988. p. 187.



A fé dos mártires despertava aqueles que assistiam dois movimentos: o de indiferença e desprezo ou o de completo encantamento pela coragem dos mesmos, que poderia até levar a conversão de alguns¹⁵.

De acordo com Daniélou e Marrou “o martírio não edifica apenas a Igreja por seu testemunho. Possui ainda um valor redentor. É obra de caridade fraterna. O mártir entrega a vida pelo próprio povo”¹⁶. É nessa perspectiva que o martírio possui um grande valor espiritual para os cristãos, que o compreendiam não apenas como um ato de violência e dor individual, mas resultado de uma fé altruísta.

Corroborando com Daniélou e Marrou, Rops postula que ao se afirmar cristão a pessoa já assinava sua própria sentença¹⁷, com isso o julgamento e sua morte se tornavam um ato de fé e de dispersão do cristianismo primitivo, dando legitimidade ao movimento.

O sangue dos martirizados fomentou a Igreja nascente, o sangue tornou-se semente de cristãos, que invadia tal como erva daninha terras e almas¹⁸.

Quando as perseguições se intensificaram, todos os cristãos, inclusive os que estavam em processo catequético, independentemente do sexo, poderiam ser julgados e torturados, é nesse contexto que as mulheres mostraram sua força e coragem¹⁹.

À medida que o cristianismo cresce, a opressão se inflama. Durante o início do século III, Sétimo Severo governava Roma, encerrando a guerra civil, porém enfrentava uma dura ameaça de invasão bárbara, com isso implementa uma política religiosa de adoração ao *Sol invictus*, onde todos os cidadãos deveriam aderir,

¹⁵ SAXER, 2002, p. 895.

¹⁶ DANIELLOU, Jean; MARROU, Henri. **Nova História da Igreja I: dos primórdios a São Gregório Magno**. Petrópolis: Vozes, 1973. Coleção Nova História da Igreja, 1 v. p. 141.

¹⁷ ROPS, 1988, p. 187.

¹⁸ RUIZ BUENO, Daniel. **Actas de Los Mártires**. 5. ed. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1996. p. 398.

¹⁹ ROSA CÂNDIDO, Edinei. **O Diário de Perpétua, mãe e mártir (para uma tipologia do martírio feminino)**. Florianópolis: Cadernos Patrísticos, 2007. p. 7.



inclusive judeus e cristãos, que se opuseram fortemente. Nesse cenário, Severo decide proibir as duas religiões e passa a persegui-los²⁰.

No ano de 202, Severo assina um decreto, que: “fica interdito não apenas fazer-se cristão, mas também ‘fazer’ cristãos; a justiça não deve apenas esperar as denúncias e sim procurar os cristãos”²¹, com isso as regiões mais afetadas foram Egito e África onde o cristianismo florescia mais rapidamente.

Convém anotar que os mártires são principalmente neófitos e catecúmenos. Deve o fato estar em relação com a natureza do decreto de Severo que proibia o proselitismo. Condenava-se o crime de se preparar ao batismo e recebê-lo. A medida que era hábil pois não atingia os antigos cristãos e tornava circunspecto em alto grau quem se fizesse admitir ao catecumenato. Reside nisso o caráter perigoso do cargo de catequista. Infringia ele diretamente a lei²².

Como destacado por Daniélou e Marrou, os catecúmenos eram considerados transgressores da lei, bem como os catequistas que eram adjetivados como perigosos para o poder imperial.

Severo era de ascendência africana. Ele e seus sucessores viabilizaram o desenvolvimento da África em todas as esferas, inclusive Cartago se tornara um núcleo intelectual, onde o Cristianismo se instalou no final do primeiro século²³.

Na cidade de Tuburgo, próximo a Cartago, servos do imperador capturaram um pequeno grupo cristão, acusados de descumprirem o edito real. A comunidade cativa era jovem, inclusive alguns ainda eram catecúmenos²⁴.

Entre os presos pelo decreto do imperador estavam: Perpétua, Saturnino, Secundulo, Felicidade e Revocato (os dois últimos escravos); os cinco catecúmenos presos, ainda não haviam sido batizados, porém estavam em processo de instrução,

²⁰ SALVIANO ALMEIDA, 2022, p. 37.

²¹ PIERRARD, Pierre. **História da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 28.

²² DANIÉLOU; MARROU, 1973, p. 158.

²³ DANIÉLOU; MARROU, 1973, p. 165.

²⁴ HAMMAN, 1997, p. 161.



sua perseguição e sentença se tornava mais dura, já que haviam sido convertidos durante o decreto imperial²⁵.

Sáturo, o catequista do grupo, mais tarde se juntou aos já encarcerados, espontaneamente, pois ao que parece não queria abandonar seus catecúmenos no momento decisivo, assim encontrou o mesmo destino de seus seguidores²⁶.

Perpétua era recém-casada, com um filho recém-nascido a amamentar, foi presa através da busca ordenada pelo imperador de Cartago no ano 203, em ocasião da comemoração do aniversário de Geta, filho de Sétimo Severo²⁷.

A narrativa da paixão de Perpétua e Felicidade é um texto hagiográfico do princípio do século III²⁸, que provavelmente foi escrito por Perpétua, em forma de diário, corroborando com essa ideia o Dicionário Patrístico e de Antiguidades cristãs, postula que o diário possivelmente fora escrito por Tertuliano ou alguém próximo anonimamente²⁹. Para Batú “a narrativa é composta, supostamente, por três autores: editor/narrador do texto, Perpétua e Saturo”³⁰, nessa perspectiva, se consentimos que o texto foi escrito pela própria personagem, possivelmente seria uma das narrativas cristãs mais antigas escritas pela mão de uma mulher, sendo o testemunho concreto de alguém que experimentou no próprio corpo (de mulher) a realidade da perseguição e martírio. Como afirma Reis:

²⁵ SALVIANO ALMEIDA, 2022, p. 38.

²⁶ RUIZ BUENO, 1996, p. 400.

²⁷ REIS VELOSO, Wendell dos. ‘Primeiro, fui despida; depois, fizeram-me homem’: corpo, gênero e identidade cristã na ‘Paixão de Perpétua e Felicidade’. **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**, [S.l.], n. 20, p. 114-131, 2022. p. 121. Disponível em: https://www.academia.edu/100290942/Primeiro_fui_despida_depois_fizeram_me_homem_corpo_g%C3%AAnero_e_identidade_crist%C3%A3_na_Paix%C3%A3o_de_Perp%C3%A9tua_e_Felicidade. Acesso em: 23 mar. 2023.

²⁸ REIS VELOSO, 2022, p. 115.

²⁹ ROMERO POSE, Eugenio. Perpétua e Felicidade. In: DI BERARDINO, Angelo (org.). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 1140.

³⁰ BATÚ RUBIN, Luiza. Corpo e gênero na Paixão de Perpétua e Felicidade (203 EC). In: CORSI SILVA, Semíramis; MARTINS ESTEVES, Anderson (org.). **Fronteiras culturais no Mundo Antigo: ensaios sobre identidades, gênero e religiosidades**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018. p. 167-180. p. 169.



Na verdade, se aceitarmos a autoria de Perpétua, a sua paixão seria um dos mais antigos exemplares de literatura cristã produzida por uma mulher, o que sugere que as mulheres gozariam de maior liberdade no seio das primeiras comunidades cristãs, antes da institucionalização do episcopado monárquico em detrimento da direção carismática.³¹

O presente artigo não pretende debater acerca da autoria do diário de Perpétua, mas salientar a importância do escrito feminino para a literatura cristã e o estabelecimento do cristianismo primitivo, bem como o modelo de liderança feminina presente no relato.

Víbia Perpétua, uma jovem, com idade aproximada de vinte e dois anos, mãe aristocrata, de família de posses, sabia ler e escrever, tomava a liderança do grupo³² “[...] filha de um pagão, mãe e irmão convertidos, um filho ao peito. Fiel e fervorosa, com dotes sobrenaturais [...]”³³. Sua voz e encantamento pelo seguimento a Jesus se faz ecoar pelo registro de seu diário, é interessante perceber uma voz feminina como liderança do movimento cristão nascente.

Em contraste a Perpétua, Felicidade vinha de uma família humilde e pobre, era escrava pessoal de Perpétua sendo descrita como uma “inseparável companheira e amiga”³⁴. Felicidade encontrava-se grávida quando fora capturada, estava no oitavo mês, inclusive dá à luz a uma menina na prisão³⁵, na legislação romana não se permitia que mulheres grávidas fossem executadas.

Após detido, o grupo foi transferido a Cartago, a uma prisão anexa ao palácio proconsular³⁶. A prisão é descrita por Ruiz como um local inóspito, escuro e quente, com calor sufocante e mau cheiro provindo do amontoado de prisioneiros, que eram conduzidos a força pelos soldados. Durante o período de cárcere Perpétua é visitada

³¹ REIS VELOSO, 2022, p. 120.

³² SALVIANO ALMEIDA, 2022, p. 38-39.

³³ ROSA CÂNDIDO, 2007, p. 10.

³⁴ ROSA CÂNDIDO, 2007, p. 10.

³⁵ RUIZ BUENO, 1996, p. 432.

³⁶ HAMMAN, 1997, p. 161.



por outros cristãos e pelo pai, recebe também seu filho quase morto de fome para alimentar-se de seu leite³⁷.

Passados alguns dias do confinamento, o pequeno grupo foi levado a um foro de interrogatório público, onde o interrogador procurou fazer com que os cristãos negassem sua fé, renunciando seu Deus (apostasia) e oferecendo sacrifícios aos deuses romanos pelo imperador³⁸. O grupo, contrariando o desejo do procurador, atesta sua fé e assina sua própria sentença, que já era clara para eles. A fé dos cristãos mostra-se forte e corajosa. Era nítido que seriam condenados e torturados, porém indubitavelmente permanecem firmes em sua convicção e credo em Jesus. Em diálogo com Hilariano, Perpétua se mantém firme em sua fé:

[...] Sacrifica pela saúde dos imperadores. E eu respondi:
-Não sacrífico.
Hilariano: Logo, és cristã? -disse. E eu respondi:
Sim, sou cristã!³⁹

Depois de seu julgamento foram conduzidos ao anfiteatro, com suas próprias roupas, já que não aceitaram as roupagens usadas pelas cerimônias romanas (os homens como sacerdotes de Saturno e as mulheres como sacerdotisas de Ceres)⁴⁰.

A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO MARTÍRIO DE FELICIDADE E PERPÉTUA

O martírio de Perpétua e seu jovem grupo é demarcado pela tortura, violência e dor, sobretudo nas duas protagonistas mulheres: Perpétua e Felicidade, que reforçam como os estereótipos de gênero sobrecarregaram a brutalidade de seus assassinatos. Rosa, aponta que o martírio feminino em contraste com o masculino atingiu níveis inimagináveis de violência e crueldade⁴¹.

³⁷ RUIZ BUENO, 1996, p. 401.

³⁸ ROSA CÂNDIDO, 2007, p. 11.

³⁹ RUIZ BUENO, 1996, p. 425.

⁴⁰ SALVIANO ALMEIDA, 2022, p. 43.

⁴¹ ROSA CÂNDIDO, 2007, p. 15.



As duas jovens mães sentem na pele a violência de gênero que as perpassa, enfrentando de cabeça erguida a maldade dos seus algozes, que além da violência física debocham da sua condição enquanto mãe e mulher, atacando sua pureza e integridade⁴².

Entende-se violência de gênero como uma violação de direitos humanos que pode vitimar mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos⁴³. A violência de gênero é produto primário das relações de poder calcadas nas categorias de gênero (homem/mulher), onde o masculino exerce poder de dominação patriarcal cerceando através da violência a mulher, sendo legitimado de forma sutil socialmente essa desigualdade⁴⁴.

Nesse horizonte, tendo como ponto de partida a violência de gênero como categoria social, percebe-se a desigualdade entre feminino e masculino e a subalternização da mulher ao longo do processo histórico, bem como o papel de opressor/oprimido condicionado e autorizado socialmente. Os próximos tópicos pretendem clarear as violências de gênero sofridas pelas mártires Perpétua e Felicidade, baseadas na própria narrativa do diário de Perpétua, evidenciando os seguintes pontos: o pai como demarcador da subalternidade da filha, o confinamento enquanto grávida e as dores de parto de uma mulher que não pode gritar, a nudez após o parto e o uso da vaca em alusão a maternidade.

O PAI COMO DEMARCADOR DA SUBALTERNIDADE DA FILHA

Perpétua, encarcerada, conta-nos a violência demarcada pela subalternidade da filha em relação ao pai, (o pai o dono e ela como mulher, objeto) que em um surto

⁴² ROSA CÂNDIDO, 2007, p. 15.

⁴³ BONGIOVANI SAFFIOTI, Heleieth Iara. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. p. 115. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/gMVfxYcbKMSHnHNLrqwYhKL/#>. Acesso em: 8 jun. 2023.

⁴⁴ ARAÚJO, Maria de Fátima. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. **Psicologia para América Latina**, México, n. 14, out. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000300012. Acesso em: 8 jun. 2023.



de fúria contra a decisão da filha, de se adjetivar como cristã, avançou contra ela, tentando arrancar-lhe os olhos, porém não conseguindo apenas a maltratou: “o meu pai, irritado com esta palavra, atirou-se a mim com a intenção de me arrancar os olhos; mas contentou-se em maltratar-me”⁴⁵.

Inclusive em seguida, em uma visita o pai tenta persuadir a protagonista que abdique de sua fé em nome de sua família, já que nenhum dos familiares poderia voltar a falar livremente, se ela sofresse o martírio⁴⁶.

Outra cena que demarca a violência de gênero na relação pai-filha: em interrogatório o pai aparece com o neto nos braços para “sacudir os sentimentos da filha no que lhe é mais precioso, seu amor materno”⁴⁷. Nessa parte do relato fica claro o papel imposto a Perpétua: mulher/filha/mãe que deve socialmente obedecer ao pai e como afirma Batú: “subverte sua identidade de mãe, de matrona romana, por sua identidade cristã, em seu desejo de demonstrar sua verdadeira fé”⁴⁸, ou seja, para Perpétua sua fé é mais valiosa do que padrões impostos ao ideário feminino pela sociedade de mera subordinada ao poder masculino.

O CONFINAMENTO ENQUANTO GRÁVIDA E A DORES DE PARTO DE UMA MULHER QUE NÃO PODE GRITAR

A próxima violência evidenciada no relato da paixão de Perpétua e Felicidade, é a gravidez e parto de Felicidade, que fora encarcerada carregando o bebê em seu ventre. Como descrito por Perpétua:

E como ela sentia dor, segundo pode supor-se, da dificuldade de um parto trabalhoso de oitavo mês, disse-lhe um dos oficiais da prisão:

-Vós, que agora vos queixais assim, que fará quando fordes lançados às feras, que desprezastes quando não quisestes sacrificar?

E ela respondeu:

⁴⁵ RUIZ BUENO, 1996, p. 421.

⁴⁶ RUIZ BUENO, 1996, p. 424.

⁴⁷ ROSA CÂNDIDO, 2007, p. 13.

⁴⁸ BATÚ RUBIN, 2018, p. 178.



-Agora sou eu que sofro o que sofro; mas haverá outro em mim, que sofrerá por mim, porque eu também sofrerei por Ele.⁴⁹

Felicidade, ao sentir as dores de parto, torna-se motivo de chacota entre os oficiais. Nesse curto diálogo com traços misóginos, é possível deduzir que a feminilidade traduzida pelas dores de parto da personagem, se torna uma forma de inferiorizar sua condição de mulher, o guarda da prisão, a humilha menosprezando as dores de Felicidade, que segundo ele, se uma mulher não as aguenta, como irá passar pelas feras e as torturas provindas do martírio?

DESNUDA APÓS O PARTO

Ao serem levadas ao anfiteatro, as mártires tiveram suas roupas confiscadas, nuas e envoltas em redes, adentraram como de costume para serem exibidas, os espectadores sentiram aversão ao contemplá-las: duas jovens, a primeira refinada e com ar de nobreza, a segunda parturiente com os seios ainda destilando leite⁵⁰.

A violência de gênero destacada na cena do espetáculo, denota a vulgarização do corpo com que as mulheres cristãs convictas, passavam ao publicamente se revelarem cristãs. A exibição do corpo da mulher como objeto, revela a tortura como processo vexatório de humilhação e opressão pública.

O USO DA VACA EM ALUSÃO A MATERNIDADE

Como de costume os condenados ao martírio, eram levados ao anfiteatro para lutarem com feras. No caso específico de Felicidade e Perpétua, um animal diferente foi selecionado, que se equiparasse à condição de mulheres recém parturientes e lactantes, uma vaca raivosa foi escolhida⁵¹. A fera, contra o costume romano faz

⁴⁹ RUIZ BUENO, 1996, p. 434.

⁵⁰ RUIZ BUENO, 1996, p. 437.

⁵¹ RUIZ BUENO, 1996, p. 437.



alusão de forma cruel e violenta à amamentação e ao puerpério que lhes fora negada pela condição de encarceradas/condenadas à morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os séculos é visível o apagamento histórico proposital das mulheres, bem como a escrita de suas narrativas a partir do viés do gênero masculino, empobrecendo suas perspectivas e colocando-as subalternas ao papéis de gênero predispostos socialmente. Retomar as narrativas femininas é dar voz as mulheres e percebê-las também como sujeitos históricos construtores da História.

No cristianismo primitivo as mulheres foram a base da propagação do Evangelho de Jesus, elas ajudaram a expandir e financiar o movimento cristão. Nesta perspectiva o presente trabalho propôs a recuperação da narrativa histórica do Martírio de duas personagens: Felicidade e Perpétua, tendo como norte a violência de gênero vivenciada pelas duas.

As duas jovens mães, em conjunto com um grupo de catecúmenos foram encarcerados devido a uma política de repressão ao Cristianismo. O texto hagiográfico escrito pelas mãos de Perpétua em forma de diário, revela a brutalidade e a violência explícita que os recém-convertidos eram expostos.

Além das violências explícitas resultantes do processo de martírio, as duas protagonistas viveram na pele a violência de gênero calcada e justificada pelo patriarcado que resiste durante os séculos.

As matriarcas, uma amamentando e a outra parturiente, demonstraram coragem e força para enfrentar a morte e o sofrimento que lhes foi imposto, é claro como o ideal de seguimento a Jesus e a radicalidade ao seu Evangelho transpassa em suas histórias.

Considerando a narrativa do diário de Perpétua percebe-se que as violências de gênero baseadas em suas condições como mulheres são produto histórico da misoginia culturalmente integrada. A partir de trechos do diário, conclui-se as



seguintes violências de gênero enumeradas durante o trabalho: o pai como demarcador da subalternidade da filha, o confinamento de Felicidade enquanto grávida e as dores de parto de uma mulher que não pode gritar, a nudez após o parto e a amamentação e por fim o uso da vaca em alusão a maternidade.

As violências de gênero aqui descritas inflamam o debate acerca da violência contra a mulher e como ela tem se fixado e perpetuado durante os séculos, sendo justificada inconscientemente pela sociedade. Outro ponto importante de reflexão final é a subversão aos papéis de gênero que as mártires refutam: a de filha obediente, de esposa agradável e mulher submissa.

Concluindo o debate proposto pelo trabalho, é necessário ampliar os horizontes sobre a perspectiva de violência de gênero ao longo da história, inclusive no cristianismo primitivo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria de Fátima. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. **Psicologia para América Latina**, México, n. 14, out. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000300012. Acesso em: 8 jun. 2023.

BATÚ RUBIN, Luiza. Corpo e gênero na Paixão de Perpétua e Felicidade (203 EC). *In*: CORSI SILVA, Semíramis; MARTINS ESTEVES, Anderson (org.). **Fronteiras culturais no Mundo Antigo**: ensaios sobre identidades, gênero e religiosidades. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018. p. 167-180.

BONGIOVANI SAFFIOTI, Heleieth Iara. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/gMVfxYcbKMSHnHNLrqwYhKL/#>. Acesso em: 8 jun. 2023.

DANIÉLOU, Jean; MARROU, Henri. **Nova História da Igreja I**: dos primórdios a São Gregório Magno. Petrópolis: Vozes, 1973. Coleção Nova História da Igreja, 1 v.

FIORENZA, Elisabeth. **As origens cristãs a partir da mulher**: uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE
GÊNERO E RELIGIÃO
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



GEBARA, Ivone. **Teologia em ritmo de mulher**. São Paulo: Paulinas, 1994.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de Teologia**. São Paulo: Paulinas, 2004.

HAMMAN, Adalbert-Gautier. **A vida cotidiana dos primeiros cristãos**. São Paulo: Paulus, 1997.

PIERRARD, Pierre. **História da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1982.

REIS VELOSO, Wendell dos. 'Primeiro, fui despida; depois, fizeram-me homem': corpo, gênero e identidade cristã na 'Paixão de Perpétua e Felicidade'. **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**, [S.l.], n. 20, p. 114-131, 2022. Disponível em: https://www.academia.edu/100290942/Primeiro_fui_despida_depois_fizeram_me_ho_mem_corpo_g%C3%AAnero_e_identidade_crist%C3%A3_na_Paix%C3%A3o_de_Perp%C3%A9tua_e_Felicidade. Acesso em: 23 mar. 2023.

ROMERO POSE, Eugenio. Perpétua e Felicidade. *In*: DI BERARDINO, Angelo (org.). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ROPS, Daniel. **A igreja dos apóstolos e dos mártires**. Trad. Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1988.

ROSA CÂNDIDO, Edinei. **O Diário de Perpétua, mãe e mártir (para uma tipologia do martírio feminino)**. Florianópolis: Cadernos Patrísticos, 2007.

RUIZ BUENO, Daniel. **Actas de Los Mártires**. 5. ed. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1996.

SALVIANO ALMEIDA, Rute. **Mártires cristãs: mulheres que deram a vida por amor a Jesus**. São Paulo: Godbooks, 2022.

SAUER TEIXEIRA, José Luiz. A atuação das mulheres nas primeiras comunidades cristãs. **Revista Cultura teológica**, v. 18, n. 72, p. 55-63, out./dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15374/11482>. Acesso em: 16 maio 2023.

SAXER, Vitor. Martírio. *In*: DI BERARDINO, Angelo. (org.). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 895-896.